



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

O fio da esperança

Quinta-feira 17 de março de 2016

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 12 de 24 de março de 2016

Spes contra spem, «esperar contra toda a esperança»: eis, segundo são Paulo, o bilhete de identidade do cristão. O qual, no sulco de Abraão, sabe bem que «o fio da esperança», até nos momentos mais difíceis, «corre ao longo da história da salvação: mais ainda, é fonte de alegria». Este convite a nunca perder a esperança, convictos de que não ficaremos desiludidos, foi reproposto pelo Papa durante a missa.

«A liturgia de hoje — realçou imediatamente — prepara-nos para as festas pascais com a reflexão sobre aquela virtude posta de lado, tão humilde, que é a esperança». No trecho evangélico de João (8, 51-59), «Jesus fala de Abraão e diz aos doutores da lei: “Abraão, vosso pai, exultou com a esperança de ver o meu dia”».

Abraão, recordou o Papa, é «aquele homem que partiu da sua terra sem saber para onde ia, partiu por obediência, por fidelidade». Além disso, Abraão é «aquele homem que acreditou na palavra de Deus e devido àquela fé foi justificado»; mas é também «aquele homem que teve inclusive as suas tentações neste caminho da esperança quando, tanto ele como a sua esposa, sorriram quando Deus lhes disse que teriam dado à luz um filho. Mas acreditaram».

Referindo-se à primeira leitura, tirada do livro do Gênesis (17, 3-9), o Pontífice evidenciou a escuta desta «aliança: “Darei a ti a terra, serás o pai de uma multidão de nações”». Portanto

«Abraão acreditou e este fio de esperança corre ao longo da história da salvação. Mais ainda: é fonte de alegria».

«Hoje a Igreja fala-nos da alegria da esperança». Precisamente «na primeira oração da missa — recordou — pedimos a graça a Deus de preservar a esperança da Igreja, para que não falte». Além disso são Paulo, «falando do nosso pai Abraão, nos diz: «Acreditai contra qualquer esperança». E assim, insistiu Francisco, «quando não há esperança humana, há aquela virtude que te leva em frente, humilde, simples, mas que te dá alegria, por vezes uma grande alegria, outras vezes só a paz». Contudo, nunca deixa de existir «a segurança», porque «aquela esperança não desilude».

«Esta alegria de Abraão cresce na história» prosseguiu o Pontífice, repetindo as palavras do Senhor transcritas por João no Evangelho proposto pela liturgia: «Abraão, vosso pai, exultou de alegria na esperança de ver o meu dia». É verdade, reconheceu, a esperança «por vezes fica escondida, não se vê», enquanto «outras vezes se manifesta abertamente». E assim «quando Maria chega à sua casa, Isabel diz-lhe: “Ao ouvir a tua voz o menino saltou de alegria no meu ventre!”». Neste encontro há «a alegria da presença de Deus que caminha com o seu povo». E «quando há alegria, há paz. E esta é a virtude da esperança: da alegria à paz, que nunca desilude».

Eis a razão devido à qual o povo de Deus, até «nos momentos da escravidão, nos momentos em que era forasteiro, na terra estrangeira», teve sempre «aquele sentido de segurança que os profetas faziam crescer: “O Senhor salvar-nos-á”». E «este fio da esperança — explicou — começa aqui, com Abraão, Deus que fala a Abraão, e “termina” neste trecho do Evangelho onde o próprio Deus que falou a Abraão diz “antes que Abraão fosse, eu sou; sou aquele que chamou Abraão; eu sou aquele que começou este caminho da salvação”».

É«o Deus — acrescentou Francisco — que nos acompanha, é também Deus que sofre, que sofre como o seu povo sofreu, sofre na cruz, mas é fiel à sua palavra».

Precisamente a este propósito o Papa sugeriu um essencial exame de consciência sobre a fé, a caridade e a esperança, propondo algumas perguntas diretas: «Tens fé? Sim, padre, tenho fé: acredito no Pai, no Filho e no Espírito Santo, nos sacramentos. Muito bem, és caridoso? Sim, sim, mas não muito, procuro não ter discórdias, ajudar os necessitados, fazer algo de bom na vida». Estas são respostas que podemos dar «facilmente muitas vezes», observou o Papa. Mas, acrescentou, «quando se pergunta se tens esperança, se tens a alegria da esperança», a resposta é: «Padre, não compreendo, pode explicar?».

A esperança é «a virtude humilde, aquela virtude que deflui sob a água da vida, mas que nos sustenta para não afogar nas muitas dificuldades, para não perder aquele desejo de encontrar Deus, de encontrar aquele rosto maravilhoso que todos veremos um dia». E «hoje — disse — é

um dia bom para refletir sobre isto: o próprio Deus que chamou Abraão e fê-lo sair da sua terra sem saber para onde deveria ir, é o mesmo Deus que sobe na cruz para cumprir a promessa que fez», Ele, prosseguiu, «é o mesmo Deus que na plenitude dos tempos faz com que aquela promessa se torne realidade para todos». E isto «que une aquele primeiro momento a este último momento é o fio da esperança». Assim o «que une a minha vida cristã à nossa vida cristã, de um momento para outro, para ir sempre em frente — pecadores, mas em frente — é a esperança. E, ainda, «o que nos dá paz nos momentos difíceis, nos momentos obscuros da vida», é sempre «a esperança».

Com efeito, a esperança «não desilude: está sempre ali, silenciosa, humilde, mas forte» concluiu o Papa. E repetiu mais uma vez «a oração de hoje, no início da missa: “Senhor, a nossa esperança está nas tuas mãos; preserva a nossa esperança”».